



Ano 2 | # 4 | edição bimestral | julho e agosto de 2009

Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom

A Força Bruta da Fragilidade

LOPES, Denílson. **A Delicadeza: estética, experiência e paisagens**. Brasília: Ed. UnB, 2007. 194 p.

ISBN: 9788585862282

Luiza Helena Guimarães¹

Na atualidade o poder que mobiliza a vida e todas as formas de existência tem no corpo, na afetividade, na criatividade a sua fonte de riqueza. A subjetividade reduzida ao corpo incide sobre a adequação de sua imagem aos padrões dominantes e conduz a busca contínua de superação de seus limites. Submeter o corpo à cultura e à ciência de seu tempo é resultado de escolhas tomadas perante a sociedade de controle. Neste regime, tecnológico, o cuidado de si visa não mais a bela vida denominada por Foucault de estética da existência e sim alcançar o prazer. O quanto poderá aguentar este corpo?

Denílson Lopes, autor de *O Homem que Amava Rapazes e Outros Ensaio* (RJ, Aeroplano, 2002) e de *Nós os Mortos: Melancolia e Neo-Barroco* (RJ, 7Letras, 1999), Presidente da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual, professor da Escola de Comunicação e Superintendente de Difusão Cultural do Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em seu livro, **A Delicadeza: estética, experiência e paisagens**, investiga a possibilidade de uma estética da comunicação baseada na experiência e no acontecimento diante de um cotidiano fortemente invadido pelas mídias. Tomado pelo desejo de falar da beleza e tendo como fio condutor a delicadeza, a leveza e o banal, ele declara serem elas contrapontos à violência, à crueldade e ao excesso. Faz isto acreditando

¹ Artista multimídia, doutoranda do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Psicologia Clínica da PUC/SP e mestre em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação (ECO) da UFRJ.

ser o recolhimento e a discrição uma posição política e ética diante do mundo impregnado de informações.

Optando pelo recolhimento, Lopes mergulha no processo de criação a partir de suas experiências perceptíveis e sensíveis. O que se dá é a realização de um possível e não a negação do mundo tal qual se apresenta. Conduzindo-nos entre paisagens Impressionistas, resgata o movimento tanto no que diz respeito à sensibilidade perceptiva quanto à atmosfera sensível, inapreensível pelo intelecto, a partir da qual constrói a genealogia da estética da leveza. Através de 13 ensaios que integram a sua obra, traça uma cartografia de seus encontros, de seus afetos e, à medida que vai desvendando paisagens sônicas, imagéticas e literárias, revela a força que emerge por permanecer na fragilidade. Referindo-se a “Além das Nuvens” de Michelangelo Antonioni e Wim Wenders ele apresenta a idéia que mesmo nas situações em que tudo se passa demasiadamente rápido, conjuntamente ocorrem outros momentos onde as fragilidades e precariedades podem ser buscadas ao invés das verdades já estabelecidas.

Como que propondo linhas de fuga ou procurando por brechas, ele cria uma atmosfera afetiva, uma nuvem virtual que vai envolvendo e fazendo o leitor habitar um espaço singular, vital, capaz de revelar forças inusitadas, de inventar novas conexões e outros jogos com o poder. Fala-nos do valor de cultivar a leveza que emerge dos discursos poéticos, inclusive de pensadores como Nietzsche, Bachelard e Serres, elogiando-a no escritor italiano Ítalo Calvino. Leveza como uma força carregada de sutileza, outro tipo de subjetividade que não a da opressão. A leveza diferente do sublime, que em sua tradição ressalta o elevado, o incomensurável, é discutida diante do banal, da tecnologia, da mídia e do cinema.

Escritos mediante seu processo de vida, os ensaios se constituem em fluxos suaves ora permeados ora repletos de informações, em parte vindas de sua disciplina acadêmica, o que requer tempo para pesquisar e, então, vivenciar, poder experimentar o proposto. No artigo de abertura, Ana Chiara se pergunta sobre a possibilidade e condições do cotidiano na contemporaneidade. Constitui-se em uma crítica ao livro de Lopes, porém abre os horizontes do leitor para as questões com que irá se defrontar. Esta crítica num só gesto é aceita pelo autor e integrada ao livro. Ele inicia cada ensaio com trechos de poemas e alguns são dedicados aos seus afetos. Assim, entremeados pela constante busca da delicadeza, Lopes percorre os trabalhos de Bressane, Rafael França, Terence Davies ou mesmo de Kieslowski, em que enfatiza a sutileza quase perversa com que ele trata as situações cotidianas, por

exemplo, em *A Dupla Vida de Véronique* (1991) e *A Fraternidade é Vermelha* (1994). Analisa de seriados da Sony, passando pelos filmes hollywoodianos e expondo amplamente o cinema brasileiro, encontra a delicadeza pretendida nos documentários como “Edifício Master” de Eduardo Coutinho e “Nelson Freire” de João Moreira Salles. Traça uma analogia entre os filmes como “Dois Córregos” (1998/9) e “Alma Corsária” (1992/4) de Carlos Reichembach, “Coração Iluminado” (1997/8) de Hector Babenco ou “O Príncipe” (2003) de Ugo Georgetti com o “O Fim de um Longo Dia” de Terence Davies. Na literatura, parte de Guimarães Rosa, “Buriti”, e tenta compor uma genealogia brasileira da poética da intimidade, aspecto que encontra presente em romances como de João Almino ou em “Sinfonia em Branco” Adriana Lisboa.

Com uma narrativa leve segue o caminho da delicadeza e misturando os vestígios de suas vivências em Brasília, Rio de Janeiro e New York, ele se deixa transpassar pela música ambiente de Brian Eno. Eno, assim como John Cage, declarou não se considerar um músico, porém faz uma música que seduz, emociona e encanta. Lopes traça uma linhagem dos antecessores e herdeiros de Eno, entre eles, Cocteau Twins, Seefel, Global Communications, Aphex Twin, KLF, Autechre e Black Dog, vai da cena ill-bient de Nova Iorque até bandas como Air, Radiohead, Kid A ou ainda Moby. No Brasil enfoca na Bossa Nova a reciclagem eletrônica e em Bebel Gilberto o seu primeiro CD. Encontra o mesmo sentido, que diz ser de pertencimento, nos vídeos de Bill Viola e nas paisagens intimistas de Wong Kar Wai e Julio Medem, assim como nos filmes de Michel Snow.

O livro se propõe a ser um resgate da estética que a partir dos Estudos Culturais e da explosão multiculturalista dos EUA, 1980/90, incorpora a cultura popular, considerada como espaço de diferença para além das especificidades nacionais, à arte. Direciona-se para o estudo da “estética da comunicação”² centrada na experiência cotidiana e transposta em uma poética. A poética de acordo com Suely Rolnik, crítica cultural, curadora e psicanalista, pertence ao plano da micropolítica, plano pertencente aos fluxos, intensidades e devires que se dão a perceber no diagrama de forças do real, invisível e indizível, ao qual encontramos acesso apenas pelas sensações. Como Foucault, Lopes defende uma estética baseada na existência, ponto de partida para a aproximação entre a arte e a vida cotidiana, marcada pelas imagens midiáticas. Deste modo, a estética da comunicação se daria pelo compartilhamento de experiências, como encarnação, em contraposição a troca de informações. Ele pensa na experiência também em outras acepções, por exemplo, de Walter

² COSTA, Mário. **L'estética dei media**: avanguardie e tecnologia. 1 ed. Roma, Castelvecchi, 1999, p. 7; In: LOPES, Denílson. *A Delicadeza: estética, experiência e paisagens*. Brasília, EdUnB, 2007, p 23.

Benjamim, nos ensaios “O Narrador” e “Experiência e Pobreza”, ou de acordo com Silvino Santiago que descreve a experiência contemporânea vinculada ao acontecimento, à imagem e ao desejo. A experiência surge compartilhada, em fluxo afetivo, narrada no devir e em tensão com a demanda mercadológica. Lopes, deste modo, procura uma estética transformada pelo cotidiano multimidiático.

O autor nos fala de uma resistência estética erguida sobre valores como serenidade, simplicidade, cotidiano, intimidade. Seria este um espaço mediano, espaço do meio, onde nada de mais acontece, onde só existe lugar para o tédio e a repetição? Acostumados que estamos aos extremos, seremos capazes de perceber de imediato o quanto afetos comuns, sem nada de extraordinário, oriundos de um cotidiano simples e leve em que a beleza se traduz em paisagens, desejos e memórias, podem ser portadores de imprevisíveis acontecimentos? Seria este o espaço virtual acessado primeiramente através das sensações, espaço da diferença nela mesma, invisível, indizível? Admitindo ser assim, este é certamente um território que abriga múltiplas temporalidades, tempos que não se esgotam, em contraposição ao tempo que requer decisões imediatas, um tempo exigente e enigmático que a tudo questiona.

O que em *A Delicadeza: estética, experiência e paisagens* parece ser uma recusa ao mundo, é um modo do corpo resistir, de ir ao encontro de sua própria afectibilidade, da alteridade, porém com direito à seleção, à escolha das excitações que deseja acolher. Discordando de Denílson Lopes o livro não é uma prece por mais leveza, é sim um modo existir.

